

O princípio da fraternidade em (tempos de) crise: de Auschwitz ao coronavírus

Vitória Zveibil Sales*

Introdução

Este artigo tem o propósito de examinar a atual situação da pandemia da Covid-19, relacionando a episódios ocorridos no livro “É isto um homem?” de Primo Levi, ressaltando o papel do direito e da fraternidade nestas duas realidades.

Desta forma, irá se analisar como as pessoas lidaram com os novos eventos catastróficos que se apresentaram as suas frentes; seguida de uma análise de temas que, aparentemente, divergentes, mas podem se unir em alguns aspectos, permeado por uma análise da banalização da morte e um possível retorno de um ser fraterno.

Destaca-se que os dois temas possuem as suas devidas diferenças, entretanto, muitas questões que são tratadas no livro de Levi valem como ponto de partida para ser analisado o que ocorre no mundo atual, nesses tempos de “crise”, em que a doença (Covid-19) foi um ponto de partida para a maior visualização de outros problemas que estavam mais ou menos ocultos ou menos vislumbrados, como o caso do racismo, diferenças sociais, fome, entre outros; situações também muito presentes em Auschwitz e, possível dizer, ambas atravessadas por diversas moléstias (fisiológicas e/ou advindas da mente).

A chegada à Auschwitz e o início da pandemia do coronavírus

Neste panorama, tem-se Primo Levi, detido pela Milícia Fascista por participar de um movimento denominado “Giustizia e Libertà” que foi uma organização que:

Em 1929, em Paris, Carlo Rosselli, Emilio Lussu e os exilados reunidos em torno da figura de Gaetano Salvemini fundaram um movimento, “Giustizia e Libertà”, que queria ser “a alma da revolução libertadora de amanhã”: um movimento revolucionário, libertário e democrático que reuniu na Itália e no exterior aqueles que não eram comunistas, se opunha aos grupos dominantes liberais e à esquerda aventino e queria lutar contra o regime fascista para criar uma

* Atualmente, discente da Universidade Federal do Pampa, terceiro semestre. Realiza curso de espanhol na escola CNA (Cultural Norte Americano) e curso de mandarim na escola Made in China. Também faz parte do grupo de pesquisa DICIFRA (direito, cidadania, fraternidade).
E-mail: vitoriazveibil@gmail.com

sociedade livre e civil (IL PARTITO D'AZIONE, GIUSTIZIA E LIBERTÀ, 2006, tradução nossa).

Por estar nesta associação, após ser preso, foi posto em um campo de concentração por pertencer a “raça judia”. Ficou alguns meses neste campo e quando as tropas da SS (Schutzstaffel) “uma das maiores organizações nazistas [...] de uma força paramilitar” (GASPARETTO JUNIOR, 201-?) chegaram, não imaginou, de início, que era para a transferência de prisioneiros aos campos de extermínio. “Partigiano, o químico Primo Levi foi preso pelo regime fascista em dezembro de 1943 e, por ser judeu, foi deportado para o campo de Monowitz (Auschwitz 3) em fevereiro de 1944” (BELÉM, 2019).

Neste momento, realiza-se uma pausa, porque, como em outros inúmeros instantes deste artigo, é de extrema relevância ressaltar como é o comportamento humano. Mesmo com a chegada de algo temeroso, a informação de que a vida no futuro é incerta e se tornará difícil, o ser humano nem sempre a processa da forma mais racional.

Desta maneira, se faz uma conexão com o início da pandemia do coronavírus, que segundo a Organização Mundial da Saúde, em

30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. Essa decisão aprimora a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus (OPAS, 2021?).

Quando os primeiros informantes desta nova doença começaram a mostrar um alto índice de mortes em Wuhan (China) devido ao corona vírus, não foi um alarde tão intenso. Mesmo com a notícia de que iniciava a se alastrar por outras partes do globo, havia a sensação de que o “meu país” não iria se infectar, ou que talvez, não fosse tão perigosa como mostravam. Como é possível vislumbrar em um trecho da notícia a seguir, no início, a doença era tratada como chinesa e esta devia ser isolada neste país:

O coronavírus de Wuhan não deixou isolados apenas os 46 milhões de pessoas que habitam as cidades bloqueadas da província chinesa de Hubei, o foco da epidemia. Depois que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou

emergência sanitária internacional, na quinta-feira, é toda a China que se encontra cada vez mais desconectada do resto do mundo. Numerosas companhias aéreas se apressam em cancelar suas rotas chinesas. Diversos governos nacionais anunciaram o fechamento de suas fronteiras para quem tiver estado no país asiático nos últimos 14 dias, incluídos os cidadãos de outras origens (LIY, 2020).

É claro que vale ressaltar que os governos de diferentes países lidam de formas divergentes nesta nova realidade; entretanto, tomando o Brasil como exemplo:

O governo federal tomou sua primeira medida normativa para enfrentar o desafio do coronavírus dois meses e 11 dias após a descoberta da nova doença pelos médicos na China. Aconteceu no dia 11 de março, quando o Ministério da Saúde publicou a portaria 356, tratando de isolamento de pacientes, exames compulsórios e análises laboratoriais. Naquela data, o Brasil contava com 69 casos. Hoje tem, oficialmente, mais de 36 mil casos. Não havia mortos. Hoje são mais de 200 por dia (CENTENO, 2020).

O mesmo se dá no relato de Levi, em que as pessoas lidaram com a nova realidade de formas variadas:

Cada um se despediu da vida da maneira que lhe era mais convincente. Uns rezaram, outros se embebedaram; mergulharam alguns em nefanda, derradeira paixão. As mães, porém, ficaram acordadas para preparar com esmero as provisões para a viagem, deram banho nas crianças, arrumaram as malas, e, ao alvorecer, o arame farpado estava cheio de roupinhas penduradas para secar. Elas não esqueceram as fraldas, os brinquedos, os travesseiros, nem todas as pequenas coisas necessárias às crianças e que as mães conhecem tão bem. Será que vocês não fariam o mesmo? Se estivessem para ser mortos, amanhã, junto com seus filhos, será que hoje não lhes dariam de comer? (LEVI, 1990, p. 15).

Como as mães que se prepararam para esta nova realidade; os afetados do século XXI pelo vírus, correram aos supermercados em busca de alimentos e papel higiênico; esquecendo de tudo e de todos, apenas pensando como suas famílias sobreviveriam.

É noite de segunda-feira (09/03) e o local está cheio, com filas gigantes incomuns e pessoas agitadas enchendo suas cestas de produtos. O corredor onde ficam produtos de limpeza, incluindo papel higiênico, está praticamente vazio. Macarrão, óleo, comidas enlatadas e água sanitária também estão sumindo das prateleiras. Não há notícias, contudo, de que o Reino Unido esteja sofrendo de desabastecimento. Mas muitas pessoas aderiram à corrida por

papel higiênico e por outros produtos que podem compor um "bunker de sobrevivência" antecipando possíveis medidas extremas de isolamento pelo novo coronavírus – algo ainda não anunciado por autoridades. É o chamado "panic buying", ou as compras motivadas pelo pânico (GRAGNANI, 2020).

Não se imaginava que além da doença, inúmeros passariam fome, teriam seus direitos como acesso à educação, à vida, dentre tantos outros vetados e/ou agravados por esta nova realidade. O que se passou de uma forma restrita e fechada em um campo de concentração, se passaria de forma generalizada no mundo todo (ficar isolado em um local, por muito tempo); em que os direitos não se dariam por serem inerentes à condição humana e sim, pelo dinheiro, condição social e os preconceitos envolvidos nestas situações.

Conforme Santos (2020):

A sociologia das ausências. Uma pandemia desta dimensão provoca justificadamente comoção mundial. Apesar de se justificar a dramatização, é bom ter sempre presente as sombras que a visibilidade vai criando. Por exemplo, os Médicos Sem Fronteiras estão a alertar para a extrema vulnerabilidade ao vírus por parte dos muitos milhares de refugiados e imigrantes detidos nos campos de internamento na Grécia. Num desses campos (campo de Moria), há uma torneira de água para 1300 pessoas e falta sabão. Os internados não podem viver senão colados uns aos outros. Famílias de cinco ou seis pessoas dormem num espaço com menos de três metros quadrados. Isto também é Europa – a Europa invisível. Como estas condições prevalecem igualmente na fronteira sul dos EUA, também aí está a América invisível. E as zonas de invisibilidade poderão multiplicar-se em muitas outras regiões do mundo, e talvez mesmo aqui, bem perto de cada um de nós. Talvez baste abrir a janela.

Tempos diferentes, temas semelhantes

Como se iniciou no tópico anterior, os tempos e as situações de um campo de concentração e a vida em pandemia são muito divergentes; mas um tema há em comum, apesar da aparente contradição de comparação: Fraternidade.

Segundo o dicionário Oxford Languages (OXFORD, 2021), a fraternidade seria “um laço de parentesco entre irmãos”, ou ainda “união, afeto de irmão para irmão”. Desta forma, todas as pessoas seriam um tipo de “irmão fraterno” entre si; sem laços consanguíneos, mas laços inerentes a condição igualitária de serem humanos. Neste aspecto, todos devem se ajudar apenas por terem nascido humanos e nada mais além disso.

Infelizmente não apenas em tempos de relativa paz; mas principalmente em tempos de “crise” pode-se observar que isto não ocorre. Como Lacerda (2021) aponta, Brasil tem cerca de 19 milhões em situação de fome “em meio à pandemia” e ressalta-se, não é que era inexistente antes, mas esta situação se agravou. Nesta comparação, o mesmo se deu aos judeus na época da Segunda Guerra Mundial; antes eles já sofriam, mas a situação piorou com as práticas racistas tomando forma de lei, as Leis de Nuremberg:

Em 1935, no comício anual do Partido Nazista realizado na cidade de Nuremberg, foram anunciadas as novas leis que legalizavam muitas das teorias raciais errôneas que compunham a ideologia nazista. Aquelas leis tiraram a cidadania alemã dos judeus [judeus alemães, com antepassados nascidos e criados naquele país], e os proibiram de se casar ou manter relações sexuais com pessoas de “sangue alemão ou seus descendentes”. Outras leis complementares os privaram da maioria de seus direitos políticos (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, 201-?).

E isto tudo se sucede ao olhar o outro como diferente de si. O outro não é visto como ser humano e sim um estranho, por ter hábitos diferentes dos que acreditam nisso, sejam culturais, étnicos ou mesmo financeiros. O que justifica milhares passarem fome no Brasil? Além das políticas ineficazes (um auxílio emergencial que não é suficiente para auxiliar famílias necessitadas) nutrida por uma convicção que o outro deve se sustentar sozinho, que talvez, seja culpado pela própria situação, por ter uma situação “inferior” aos que ditam e aprovam as leis.

O auxílio emergencial não chegou nem perto de cumprir o objetivo de atenuar as perdas financeiras dos milhões de trabalhadores afetados pela pandemia. Note-se:

Pensado inicialmente para ser distribuído em três parcelas de R\$ 200, o benefício foi, posteriormente, fixado em R\$ 600. Com o valor irrisório, milhares de brasileiros tiveram que sair às ruas para trabalhar. O resultado são os números catastróficos de contágio (1.426.913) e mortes (60.194), até esta quarta-feira (1º) (MAIORIA, 2020).

Então, pessoas em situação vulnerável, judeus, negros, refugiados, entre outros; qualquer que seja a “classificação” considerada, não teriam “direitos” simplesmente por não serem identificados com o “padrão” criado por situações sociais e econômicas; a exemplo de um alemão “apresentado ideal” nas décadas de 1930-1945 etc.

De acordo com a apresentação de Santos (2020):

[...] os corpos racializados e sexualizados são sempre os mais vulneráveis perante um surto pandêmico. Os seus corpos estão à partida mais vulnerabilizados pelas condições de vida que lhes são impostas socialmente pela discriminação racial ou sexual a que são sujeitos. Quando o surto ocorre, a vulnerabilidade aumenta, porque estão mais expostos à propagação do vírus e se encontram onde os cuidados de saúde nunca chegam: favelas e periferias pobres da cidade, aldeias remotas, campos de internamento de refugiados, prisões, etc. Realizam tarefas que envolvem mais riscos, quer porque trabalham em condições que não lhes permitem proteger-se, quer porque são cuidadoras da vida de outros que têm condições para se proteger. Por último, em situações de emergência as políticas de prevenção ou de contenção nunca são de aplicação universal. São, pelo contrário, selectivas. Por vezes, são abertas e intencionalmente adeptas do darwinismo social: propõem-se garantir a sobrevivência dos corpos socialmente mais valorizados, os mais aptos e os mais necessários para a economia. Outras vezes, limitam-se a esquecer ou negligenciar os corpos desvalorizados.

Direitos perdidos?

E desta forma, com o que foi debatido anteriormente, observa-se a perda de direitos. E tanto no relato de Levi quanto na atualidade pandêmica, o principal direito violado está na questão da vida. Naquele, a vida violada pela violência e nesta, não apenas por uma doença, mas pela má condução em meio a ela.

Outro direito que também pode levar a debates acalorados, é em relação ao cerceamento da liberdade com a decretação de inúmeros *lockdowns* e a quarentena em si. Entretanto, como foi uma medida tomada justamente pela preservação da vida, crê-se que não foi um direito violado; como imagina-se no caso dos milhares de judeus cercados em campos de concentração realizando trabalhos forçados. Felizmente, não se foi completamente privado, como ocorreu àqueles como Primo Levi na seguinte passagem:

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento - pois quem perde tudo, muitas vezes também perde a si mesmo[...] (LEVI, 1990 p. 33).

O direito violado ao ter de impedir que inúmeras pessoas se deslocassem nas ruas é o fato de a ajuda governamental demorar e com isso, prejudicar tantas pessoas que acabaram perdendo seus empregos e a renda para se sustentar.

Desde que começou a pandemia, Terezinha de Jesus dos Santos, de 35 anos, nunca mais conseguiu um emprego. Moradora de Paraisópolis, zona sul de São Paulo, ela tem uma filha de 13 anos e sobrevive apenas com o Auxílio Emergencial. "Antes da pandemia, eu estava trabalhando como diarista, ganhando bem, mas, depois, com o coronavírus, o pessoal foi ficando preocupado, com medo de falir, e fui dispensada", afirma Terezinha. O auxílio tem sido insuficiente para que ela consiga pagar todas as suas contas. O aluguel de R\$ 550 está atrasado há dois meses (PAPP; GERBELLI; MIDDLEJ, 2021).

O direito violado não é obrigar pessoas a permanecerem em casa e sim, o fato de não dar os meios suficientes para que milhares de estudantes acompanhem suas aulas; que mães e pais com crianças pequenas possam ter um horário de trabalho flexível a fim de cuidar seus filhos, entre tantos outros (destarte, os impactos psicológicos).

Segundo Duarte (2020):

Especialmente entre profissionais de saúde, observou-se maior probabilidade de ocorrência de exaustão, distanciamento social, ansiedade frente a pacientes febris, irritabilidade, insônia, dificuldade de concentração, indecisão, prejuízo na performance laboral, relutância ao trabalho ou resignação. Poucos estudos relataram pacientes em quarentena com sentimentos positivos como felicidade, alívio e proteção. Os fatores estressores observados incluem: o próprio estado de quarentena, o qual implica em modificação da rotina e limitação da mobilidade, duração prolongada da quarentena, medo de infecções, frustração, tédio, suprimentos inadequados, informação limitada, perdas financeiras e estigma.

Uma situação peculiar, que diz respeito à saúde, é quando Levi relata o Ka-Be, a enfermaria do campo:

Ka-Be é a sigla do *Krankenbau*, a enfermaria. Oito Blocos, iguais ao do Campo, porém isolados por uma cerca de arame farpado. Eles contêm constantemente um décimo da lotação do Campo; poucos, porém, param lá mais de duas semanas e ninguém mais do que dois meses: nesse prazo a regra é ficar bom ou morrer. Quem tende a ficar bom é curado no Ka-Be; quem tende a piorar, do Ka-Be é mandado às câmaras de gás. [...] Os ambulatórios são dois: Médico e Cirúrgico. À frente da porta, na noite e no vento, estão duas longas filas de

sombras. Alguns necessitam apenas de um curativo ou de um comprimido, outros pedem visita médica, há os que têm a morte na cara (LEVI, 1990, p. 63, grifo do autor).

Uma adaptação excêntrica

E como não poderia deixar de ocorrer, todos se adaptam a uma nova realidade, seja a qual se mostra à sua frente. A doença ainda é preocupante, mas por conta das vacinas, há esperança, talvez, de se ter uma vida melhor.

Por infelicidade, no mundo isto é realizado de forma desigual. Como sempre, alguns têm acesso às vacinas, outros não. Alguns terão um retorno a uma vida mais próxima da pré-pandemia, outros não; ou a realizam de forma insensata.

Vemos, entretanto, uma quantidade enorme de pessoas em países mais pobres que continua sem acesso aos imunizantes, o que nos mostra que paralelamente à história de sucesso e triunfo tecnológico e científico que permitiu o desenvolvimento de vacinas e medicamentos contra essa nova doença em uma velocidade sem precedentes, ocorre também outra história, mas de rotundo fracasso. Cidadãos de países pobres simplesmente têm tido negado seu acesso às vacinas. Na média, apenas 13,7% das pessoas de nações de baixa renda receberam ao menos uma dose, segundo dados do site “Our World in Data”, com os índices mais baixos na África, onde muitos países têm cobertura inferior a 5%. Na América Latina, embora menos dramático, o quadro também está longe do ideal, com alguns índices de imunização abaixo de 50%, o que é preocupante. Chama a atenção o fato de que essa discrepância extrema parece não sensibilizar os tomadores de decisão ao nível global, já que teve resultado frustrante a iniciativa de tentar promover uma distribuição mais equânime de vacinas por meio do Covax, um mecanismo multilateral que tem entre seus membros a Organização Mundial da Saúde (OMS). Em contraste, o que se viu foram os países ricos correndo para realizar encomendas aos grandes laboratórios e garantir para si mais doses do que realmente necessitavam, produzindo cenas de estoques vergonhosamente vencidos e desperdiçados, enquanto países pobres seguiam sem acesso (LEMOS, 2022).

Um trecho que relata esta sensação de adaptação, mas não completamente boa ou ideal também pode ser vislumbrada em “É isto um homem?": “Porque nós também estamos quebrados, vencidos: **ainda que tenhamos conseguido nos adaptar**, ainda que tenhamos aprendido, por fim, a achar nossa comida e a aguentar o cansaço e o frio, ainda que um dia, talvez, regressemos” (LEVI, 1990, p. 220, grifo nosso).

Mesmo que tudo retorne ao que era antes, a vida nunca mais será a mesma pelo o que se passou.

A banalização das mortes

“Meu nome é 174.517; fomos batizados, levaremos até a morte essa marca tatuada no braço esquerdo” (LEVI, 1990, p. 33).

O que números representam? Uma forma de facilitar a contagem? Saber a quantidade exata ou aproximada de algo? Retirar a personalidade de alguém? O que realmente representam? Ao observar inúmeros números, pensa-se que simbolizam as mortes; agora, acredita-se que não representam nada.

E por que representariam algo? Após aquele momento de terror generalizado que o globo todo passou, cada país em uma época diferente; o que as pessoas fizeram para ajudar ao próximo na pandemia? Elas se aglomeraram assim que se vacinaram (ou não), uma atitude completamente anti fraterna. Elas se aglomeraram porque o que importa é apenas a sua própria imunização e se o outro não o está, isto não importa; pois o pensamento seria que “apenas a minha liberdade importa” ou “os meus direitos são mais importantes do que os dos outros”.

Os números de mortes variam, talvez 3.000, 1.000 ou 200 diários? “O Brasil bateu mais uma triste marca na pandemia nesta terça-feira (23), registrando mais de 3 mil mortes por Covid em um dia pela primeira vez” (G1, 2021); eles não causam tanto alarde porque estes números foram banalizados. O pensamento é que só foram apenas estes números, o que demonstra como as pessoas esqueceram que os números representam vidas, que estas vidas perdidas desestruturaram famílias e os conhecidos daqueles que se foram, independentemente da quantidade.

E quando os números são lembrados? É de uma forma muito triste constatar que são utilizados como um modo de culpabilidade mútua entre políticos (representantes do povo (!)) com opiniões diversas entre si. Esta atitude, é apenas uma maneira de criticar um ao outro, sem uma tentativa, realmente fraterna, de tentar resolver o problema principal, a da Covid-19; não só a doença em si, mas todas as mazelas sociais, foram agravadas devido a doença também. Como comentado:

A crise acarretada pelo novo coronavírus tem apresentado uma série de desafios à comunidade internacional, mas também evidencia disputas pelo poder político. No Brasil, essa constatação pode ser evidenciada no confronto entre João Doria, governador de São Paulo, e Jair Bolsonaro, presidente do Brasil, que, desde o início da pandemia, têm trocado uma série de acusações. O conflito poderia representar apenas visões diferentes em relação a como lidar com a crise, mas seus discursos sugerem que a disputa entre os dois governantes é, também, eleitoral (SANTOS; FOSSÁ, 2020, p. 1).

Deve-se atentar aos traumatizados pela Covid-19, em todos os aspectos e esquecer de gráficos e números, que careceriam de ser utilizados como meio de apoio a tomar novas medidas, não como briga política. Que os dados não sejam esquecidos, nem mesmo suas vítimas.

Uma cena lembrada por Levi recorda este processo:

Do meu beliche, no terceiro andar, vejo e ouço o velho Kuhn rezando em voz alta, com o boné na mão, meneando o busto violentamente. Kuhn agradece a Deus porque não foi escolhido. Insensato! Não vê, na cama ao lado, Beppo, o grego, que tem 20 anos e depois de amanhã irá para o gás e bem sabe disso, e fica deitado olhando fixamente a lâmpada sem falar, sem pensar? Não sabe, Kuhn, que da próxima vez será a sua vez? Não compreende que aconteceu, hoje, uma abominação que nenhuma reza propiciatória, nenhum perdão, nenhuma expiação, nada que o homem possa fazer, chegará nunca a reparar? (LEVI, 1990, p. 191).

Assim como os judeus, em uma pandemia todos são igualados pela doença e nunca se sabe se chegará a sua hora ou não de ser internado. Por isso, ao não se adoecer, deve se agradecer, mas sempre lembrar dos outros que pereceram ou foram afetados pela doença, de alguma forma. Logo, estará tendo uma atitude fraterna e não se recorrerá ao mesmo erro do velho Kuhn, mesmo que o tenha feito inconscientemente e sem maldade, como é a maioria das ações humanas.

O retorno do ser fraterno

Segundo Mello (2021), a “OMS afirma que a pandemia irá acabar ‘quando mundo decidir’”. E de fato, isto é um dado verdadeiro e muito relevante. Uma coisa interessante, mesmo que haja vacinas para combater a pandemia; se nem todos tiverem acesso a elas, novas mutações da doença poderão ocorrer, afetando novamente mesmo aqueles que já foram imunizados.

À vista disso, evidencia-se a necessidade de uma cooperação fraterna universal, a fim de preservar a todas as pessoas mundialmente e não apenas das nações com condições financeiras melhores. “75% das vacinas contra covid-19 em apenas dez países” (MELLO, 2021), sendo uma notícia infeliz. Neste caso, ao invés de serem doadas, as vacinas não utilizadas, são vendidas (perto da data da validade), como os Estados Unidos fizeram.

Mas como a OMS ressaltou, isso não é um problema local; é mundial e enquanto os líderes internacionais não decidirem realizar uma medida planetária de combate à doença, como ocorreu com a varíola, erradicada apenas ao serem realizados esforços conjuntos de todas as nações numa verdadeira ação fraterna. Somente uma ação, verdadeiramente, fraterna pode acabar de vez com esta doença e evitar que novos focos isolados ou de forma pandêmica continuem ocorrendo.

Se sublinha que Primo Levi (1990) só retomou sua humanidade, ao final do livro, quando os nazistas abandonaram Auschwitz a fim de fugir dos russos; ao ajudar seus colegas prisioneiros, judeus que estavam em uma situação pior que a sua. Só assim a raça humana irá progredir, quando todos se unirem para a resolução de problemas em comum.

Conclusão

Desta forma, finaliza-se a análise do livro de Levi e pode-se observar quantos aspectos ocorridos na vida de alguém no passado, mesmo que à primeira vista não relacionáveis, podem levar em conta pontos que devem ser solucionados em pleno século XXI.

O livro mostra a importância da fraternidade com o próximo, a fim de se reconectar consigo mesmo e, como isto deve ser levado em conta com a ajuda às pessoas em situação de necessidade geradas ou agravadas durante a pandemia da Covid-19. Em questão, as vacinas e o combate à doença em si, a exemplo da erradicação da varíola, apenas uma ação conjunta de todas as nações poderá, talvez, amenizar os efeitos do coronavírus, que sela tantas vidas.

Conclui-se, então, que isso nos mostra a importância da fraternidade, tanto como uma forma de ajudar o próximo, quanto a si mesmo.

Referências

- AS Leis Raciais de Nuremberg. **Enciclopédia do Holocausto**, [201-?] Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-nuremberg-race-laws#:~:text=No%20com%C3%ADcio%20anual%20do%20partido%2C%20os%20nazistas%20anunciar%20novas%20leis,e%20tornaram%2Dse%20infra%C3%A7%C3%A3o%20penal>>. Acesso em: 4 abr. 2022.
- BELÉM, Euler. Carta de Primo Levi para sua família no Brasil antecipa literatura sobre Auschwitz. **Jornal Opção**, 21 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/carta-de-primo-levi-para-sua-familia-no-brasil-antecipa-literatura-sobre-auschwitz-197897/>>. Acesso em: 4 abr. 2022.

BRASIL registra pela 1ª vez mais de 3 mil mortes por Covid em um dia. **G1**, 23 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/23/brasil-registra-pela-1a-vez-mais-de-3-mil-mortes-por-covid-em-um-dia.ghtml>. Acesso em 4 abr. 2022.

CENTENO, Ayrton. Coronavírus: governo Bolsonaro demorou mais de dois meses para editar primeira medida. **Brasil de Fato**, 18 abr. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/18/coronavirus-governo-bolsonaro-demorou-mais-de-dois-meses-para-editar-primeira-medida>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CORONAVÍRUS, veja a cronologia da doença no Brasil. **G1**, 6 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/coronavirus-veja-a-cronologia-da-doenca-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2021.

DUARTE, Rafael. Coronavírus: os impactos psicológicos da quarentena. **Portal PEBMED**, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://pebmed.com.br/coronavirus-os-impactos-psicologicos-da-quarentena/#:~:text=Especialmente%20entre%20profissionais%20de%20sa%C3%BAde,relut%C3%A2ncia%20ao%20trabalho%20ou%20resigna%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 4 abr. 2022.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. SS – Schutzstaffel. **InfoEscola**, [201-?]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/segunda-guerra/ss-schutzstaffel/>. Acesso em: 4 de abr. 2022.

GRAGNANI, Juliana. A psicologia por trás da corrida por papel higiênico em meio a “medo contagioso” do coronavírus. **BBC NEWS BRASIL**, 12 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51803421>. Acesso em: 4 abr. 2022.

Il Partito d'Azione, Giustizia e Libertà. **Storia XXI secolo PORTALE DEI SITI DI STORIA ITALIANA**, 31 ago. 2006. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20060831134846/http://www.romacivica.net/anpiroma/antifascismo/antifascismo15a.html>. Acesso em: 4 de abr. 2022.

HISTÓRICO da pandemia de COVID-19. **OPAS**, [2021?]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>. Acesso em: 4 de abr. 2022.

LACERDA, Nara. Brasil tem 19 milhões de pessoas passando fome em meio à pandemia. **Brasil de Fato**, 5 abr. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/05/brasil-tem-19-milhoes-de-pessoas-passando-fome-em-meio-a-pandemia>. Acesso em: 28 abr. 2022.

LEMOS, Ana de. A desigualdade no acesso a vacinas e o risco de prolongar a pandemia. **Médicos sem Fronteiras**, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/a-desigualdade-no-acesso-a-vacinas-e-o-risco-de-prolongar-a-pandemia%E2%80%AF/>. Acesso em: 4 abr. 2022.

LEVI, P. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LIY, Macarena. Coronavírus de Wuhan deixa a China cada vez mais isolada do resto do mundo. **El País**, 2 fev. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-02-02/coronavirus-de-wuhan-deixa-a-china-cada-vez-mais-isolada-do-resto-do-mundo.html>. Acesso em: 5 abr. 2022.

MAIORIA dos que recebem auxílio emergencial reprova Bolsonaro na pandemia. **Sindicato do Metalúrgicos de São José dos Campos e Região**, 1 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.sindmetalsjc.org.br/noticias/n/5043/maioria-dos-que-recebem-auxilio-emergencial-reprova-bolsonaro-na-pandemia>>. Acesso em: 4 abr. 2022.

MELLO, Michele. OMS afirma que pandemia irá acabar “quando o mundo decidir”. **Brasil de Fato**, 22 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/22/oms-afirma-que-a-pandemia-ira-acabar-quando-o-mundo-decidir>>. Acesso em: 16 out. 2021.

OXFORD Languages and Google – Portuguese, 2021. Disponível em: <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>>. Acesso em: 16 out. 2021.

PAPP, Ana Carolina; GERBELLI, Luiz; MIDDLEJ, Aline. Em um ano de pandemia, 377 brasileiros perderam o emprego por hora. **G1**, 24 jul. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/07/24/em-um-ano-de-pandemia-377-brasileiros-perderam-o-emprego-por-hora.ghtml>>. Acesso em: 4 abr. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Biblioteca Nacional de Portugal, 2020.

SANTOS, Mateus; FOSSÁ, Maria. A disputa pelo poder político em meio à pandemia de COVID-19: análise do confronto entre João Doria e Jair Bolsonaro. **Panorama**, p. 8-13, jan/jun 2020. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/8297/4687>>. Acesso em: 4 abr. 2022.